

TERRITÓRIOS DE PELOTAS

Cartografia de uma cidade sagrada

TERRITORIES OF PELOTAS
Cartography of a sacred city

Martha Rodrigues Ferreira¹,
Marceli Teixeira dos Santos² e Louise Prado Alfonso³

Resumo

Localizadas ao Sul do Rio Grande do Sul, Pelotas e Rio Grande conformam a segunda região do Brasil com maior número de Casas de Religiões de Matrizes Africanas. Estima-se que sejam duas mil Casas de Religiões de Matrizes Africanas apenas na cidade de Pelotas. A partir do Projeto de Extensão Terra de Santo/UFPel, foram construídas cartografias com os trajetos que Filhos/as de Santo fazem em seus cotidianos, e para a realização de Rituais Sagrados. Essas cartografias acrescentaram aos debates de uma exposição digital e se tornaram um importante instrumento de comunicação com o público visitante do site, uma ferramenta visual para demonstrar essa Pelotas Sagrada trazendo à tona uma outra concepção de Sul e de cidade, tornando menos abstrata a Pelotas Macumbeira, Batuqueira, Umbandista, Quimbandista, Candomblecista que antes fervilhava apenas na oralidade e na imaginação de grupos específicos (praticantes de Religiões de Matrizes Africanas).

Palavras-chave: cartografia, Religiões de Matrizes Africanas, Pelotas/RS.

Abstract

Located in the south of Rio Grande do Sul - Brazil, Pelotas and Rio Grande make up the second region of Brazil with the highest number of Afro-Brazilian Religions places, called Terreiros. It is estimated that there are two thousand Terreiros in the city of Pelotas only. The university extension project "Terra de Santo" built cartographies with the paths that "Filhos/as de Santo" make daily, as well as for the realization of their Sacred Rituals. These cartographies were part of a digital exhibition and became an important instrument of communication with the public visiting the site, a visual tool to demonstrate this Sacred Pelotas. Visual resources that bring to light another conception of the South of Brazil and Pelotas, make Pelotas Macumbeira, Batuqueira, Umbandista, Quimbandista, Candomblecista less abstract. What once bubbled up only in the orality and imagination of specific groups is now evident.

Keywords: cartography, Afro-Brazilian Religions, Pelotas/RS.

Introdução

À beira da Lagoa dos Patos encontra-se Pelotas, à 60 km de distância de Rio Grande, estas duas cidades juntas configuram a segunda região com o maior número de Terreiros do Brasil. Estima-se que sejam mais de duas mil casas de Religiões de Matrizes Africanas apenas em Pelotas (Alfonso e Ferreira, 2020).⁴

O projeto "Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas" desenvolve suas ações desde 2016, quando a "Comunidade Beneficente Tradicional de Terreiro Caboclo Rompe Mato Ilê Axé Xangô e Oxalá" (CBTT) procurou a equipe do Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) pedindo auxílio para a patrimonialização da CBTT. O pedido teve como objetivo "ressaltar a importância das religiões de matrizes africanas para a região de Pelotas" (DOSSIÊ..., 2018). Foi durante a escrita do Dossiê de Patrimonialização que essa Pelotas "colorida", como pretendemos apresentar neste artigo, foi surgindo.

Essa Pelotas colorida põe em pauta a concepção amplamente reforçada de que Pelotas é uma cidade branca e europeia. Uma construção de cidade elitista, heteronormativa e cristã, construída a partir de uma história que valoriza temporalidades específicas como a época das charqueadas (ALFONSO; RIETH, 2016, p.4), das famílias charqueadoras, representadas por homens brancos que mantinham o poder político e econômico. Esta narrativa se atualiza no presente a partir do que consideramos como narrativas oficiais, reforçadas por políticas públicas das áreas da cultura, da educação e do turismo. Como exemplo, mencionamos os *folders* e materiais turísticos que apresentam e fortalecem esse ideal de cidade (BERGMANN, 2019).

Em 2019, logo após a entrega do Dossiê com o pedido de reconhecimento da CBTT enquanto patrimônio imaterial, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, ressaltou a importância da realização de um mapeamento dos Terreiros da cidade, de forma a apontar a marcante presença das Religiões de Matrizes Africanas em Pelotas, mostrando a contribuição dos Terreiros na construção da cidade ao longo do tempo. A partir deste incentivo do IPHAN o projeto se reorganiza para realizar tal mapeamento, tendo como exemplo outros mapeamentos ocorridos em outras partes do Brasil.

Cabe destacar que é uma característica dos mencionados projetos⁵, embora multidisciplinares⁶, serem embasados em perspectivas teórico-metodológicas da Antropologia, o que propicia que se reconfigurem a cada ano, atendendo a demandas dos grupos e lideranças parceiras da pesquisa. A proposta dos projetos é, a partir de diferentes iniciativas, identificar como as comunidades fazem e ocupam a cidade em seus cotidianos (AGIER, 2015). O Projeto "Terra de Santo" busca entender a cidade por meio das práticas religiosas dos Terreiros.

Neste artigo, temos como objetivo apresentar uma cidade que é feita, também, por estas Religiões invisibilizadas na história oficial. Traremos cartografias produzidas a partir de respostas dadas por pessoas de Terreiro do município de Pelotas durante o

1 Graduada em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Colaboradora do Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas/RS.

2 Mestre em Geografia (2022) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Graduada em Licenciatura em Geografia (2018) pela UFPel. Pesquisadora vinculada ao Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais (LEUR) e ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR).

3 Doutora em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (2012), Mestre em Antropologia Social pela Universidade Estadual de Campinas (2006) e Bacharel em Turismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (1999). Professora do Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPel, do Programa de Pós Graduação em Antropologia (PPGant/UFPel) e do Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PROGRAU/UFPel). Coordenadora do Projeto de Pesquisa Margens: grupos em processos de exclusão e suas formas de habitar Pelotas/RS.

4 As estimativas advêm de pesquisas que o projeto de extensão "Terra de Santo: Patrimonialização de Terreiro em Pelotas", vem desenvolvendo no âmbito do projeto de pesquisa "Margens: Grupos em Processos de Exclusão e suas Formas de Habitar Pelotas", vinculado ao Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) do Curso de Bacharelado em Antropologia da Universidade Federal de Pelotas.

5 O Projeto de Pesquisa "Margens", além do projeto de extensão "Terra de Santo", vincula mais dois projetos de extensão, sendo eles: "Mapeando a Noite: o universo Travesti" e o "Narrativas do Passo dos Negros: exercício de etnografia coletiva para antropólogos/as em formação".

6 Fazem parte da equipe do projeto de pesquisa Margens, pessoas da graduação e pós-graduação dos cursos de antropologia, arqueologia, arquitetura, ciências sociais, turismo, geografia, entre outros.

processo de mapeamento que ocorreu em 2019. Onde são apontados alguns locais importantes para as práticas Religiosas dos Terreiros pesquisados. Analisaremos como estes lugares, considerados Espaços Sagrados, muitas vezes patrimônios reconhecidos pela cidade, aos olhos dos Terreiros ganham novos significados, outras narrativas e respaldam existências diversas, desenhando uma Pelotas completamente afro-cultural-religiosa.

Cartografias de Espaços Sagrados

No dicionário, “sagrado” é descrito como algo relativo a Deus, à religião, a cultos ou rituais religiosos de qualquer âmbito, ou até mesmo coisas e pessoas que recebem consagrações. Aqui, entenderemos Sagrado enquanto lugares e/ou coisas, ou seja, materialidades simbólicas que carregam significados ligados às Religiões sendo Espaços e/ou coisas que representam Orixás, Entidades e Santos cultuados nas Religiões de Matrizes Africanas. Neste sentido, Sagrado pode ser compreendido enquanto

[a] *externalização da fé*. Normalmente é relacionado a algum momento, espaço ou objeto que caracteriza a demonstração, ainda que individual e restrita, da religiosidade ou da fé dos indivíduos. Um espaço se torna sagrado pela perspectiva de uma pessoa ou de coletivo de pessoas. Um objeto é visto enquanto sagrado de acordo com a religiosidade individual ou de grupos, como exemplo a cruz, ou a água benta, trajetos e espaços urbanos, ou até os trajes utilizados em um culto, esses elementos só serão sagrados quando houver a religiosidade e a construção da fé/crença sobre eles (SANTOS, 2022, p. 34 e 35).

Neste sentido, a definição de “Sagrado” assemelha-se à Hierofania (Rosendahl, 1996, p. 81 e 82) que é um

[t]ermo proposto por Mircea Eliade (1962) para designar a manifestação do sagrado em objetos ou pessoas. A materialização do sagrado pode ocorrer em grutas, colinas, rios, pedras, árvores, ... e que, simbolicamente, origina o lugar sagrado, consagrando o espaço, tornando-o qualitativamente forte, demarcado e diferenciado, (ROSENDAHL, 1996, p. 81 E 82).

tendo como consequências, inclusive, a mudança da distribuição e organização espacial nas cidades, nos fluxos turísticos, na base econômica de municípios e na sazonalidade das movimentações e migrações existentes em determinados locais, ao exemplo das Hierópolis – cidades santuário – que têm o Sagrado como agente fundamental em sua constituição (ROSENDAHL, 1996, p.82).

Considerando que cada uma das duas mil Casas de Pelotas têm, pelo menos, mais de uma dezena de filhos/as de Santo e, que todas estas pessoas precisam realizar atividades e rituais pela cidade - ao exemplo dos rituais de iniciação do Batuque, onde é necessário realizar um trajeto por determinados pontos considerados Sagrados para estas Religiões/Culturas, como pelas praias, igrejas, pelo mercado e feiras, lojas, praças - percebe-se que a construção do Sagrado nos espaços cotidianos passa a ser multiplicada, consideravelmente, por cada indivíduo praticante.

Deste modo, as cidades são espaços de sacralidades e significados, podendo ser compreendidas como cidades repletas de simbolismos, signos e significados

abundantes de religiosidades, espiritualidades, fé e elementos culturais afro-brasileiros. E assim, “Pelotas se apresenta quase inteira enquanto um território Sagrado, uma cidade que também é (re)construída pelas Religiões de Matrizes Africanas no dia a dia” (RELATÓRIO..., 2020).

O uso do termo “Religiões de Matrizes Africanas” no plural tem como intenção reafirmar a ideia de que não existe apenas uma Religião Afro-brasileira, mas muitas, com suas peculiaridades, pois advêm de diferentes regiões do Continente Africano e aqui se multiplicaram, por meio da Circularidade Cultural (COSTA DE MELO, 2020) demarcando o contexto de (re)existências de cada grupo. Portanto, não estamos tratando apenas de uma Matriz, mas de várias.

Para demonstrar visualmente essa Pelotas Sagrada, a equipe do projeto “Terra de Santo” produziu em 2020, para a exposição digital “Patrimônios Invisibilizados: Para Além dos Casarões, Quindins e Charqueadas”, croquis com os dados das respostas do formulário do Mapeamento. O Mapeamento foi iniciado em 2019, de modo presencial e contemplado por entrevistas semiestruturadas com lideranças afro-religiosas do município em questão. Em 2020, devido a Pandemia de Covid-19 a continuidade do processo se deu por meio de Formulário Google divulgado nas redes sociais do GEEUR e encaminhado às redes de conexão de Comunidades Tradicionais de Terreiro (CTTro). A proposta foi entender diferentes facetas destes Terreiros: suas inserções na cidade, suas matrizes culturais, quais as bacias de Ancestralidade, entre outros aspectos.

Para este trabalho, são ilustrados apenas os locais considerados *Sagrados* costumeiramente frequentados em/para os rituais, com o objetivo de compreender como essas pessoas habitam a cidade, quais seus trajetos e, a partir de seus deslocamentos, os fluxos e movimentos que auxiliam na construção da múltipla urbe pelotense e da herança afro-indígena na região.

A exposição digital “Patrimônios Invisibilizados: Para além dos Casarões, Quindins e Charqueadas” foi desenvolvida no site institucional da UFPel, o *WordPress*⁷. Foi elaborada no âmbito do projeto Margens, tendo como objetivo apresentar diferentes grupos que habitam a cidade de Pelotas/RS e que a constroem diariamente, valorizando patrimônios não oficiais (RELATÓRIO..., 2020). A exposição esteve dentro das comemorações do “Dia do Patrimônio de Pelotas”, organizado pela Secretaria Municipal de Cultura (SECULT), evento que busca promover os patrimônios, evidenciando sua importância para a construção de Pelotas, e, neste sentido, entendemos que o “Dia do Patrimônio” se trata de um evento importante para acrescentarmos aos debates dos órgãos públicos estas outras narrativas sobre a cidade, buscando ampliar as reivindicações de grupos que sofrem processos de exclusão (as trabalhadoras domésticas, comunidade LGBTQIA+, povo de Terreiro, entre outros).

Neste âmbito, as cartografias surgem enquanto importante instrumento de comunicação com o público visitante do site, servindo como ferramenta visual para demonstrar a Pelotas Sagrada, intermédio das reivindicações e narrativas de grupos que afirmam as Religiões de Matrizes Africanas enquanto pilares indispensáveis para a manutenção cotidiana da cidade.

As cartografias simbólicas e/ou cartografias sagradas tratam-se de instrumentos fundamentais para visualização e registro de acontecimentos relevantes que passam a ser contados a partir da memória e da lapidação da identidade individual e coletiva,

⁷ Para acessar a exposição: <https://wp.ufpel.edu.br/margens/>. Acesso em: 02 jun. 2022.

permeada na materialidade dos lugares e dos não lugares, ou seja, é através destes recursos visuais que o simbolismo dos espaços pode ser compreendido por grupos outros a partir da espacialização de fenômeno religioso (LEMOS, 2010, p. 36).

As cartografias simbólicas na atualidade permitem “através da síntese gráfica, observar e problematizar diversos aspectos do campo religioso” (LEMOS, 2010, p. 36), da construção e dinamização das cidades, bem como o uso, apropriação e identificação de diferentes grupos com as materialidades e imaterialidades espaciais, resultando nos múltiplos territórios, disputas, negociações, táticas de sobrevivência que modelam a urbe e as culturas. É, também, por meio das cartografias simbólicas que são visualizados padrões e sistemas de comportamentos individuais e coletivos, bem como as negociações e regras que costumeiramente moldam o uso e apropriação do espaço, ao exemplo de “orientações dadas a cristãos: como se deve proceder, agir, espalhar os enunciados religiosos, disseminando espacialmente sua fé” (LEMOS, 2010, p. 36), ou ainda os trajetos sagrados realizados por Comunidades Tradicionais de Terreiro.

Metodologia

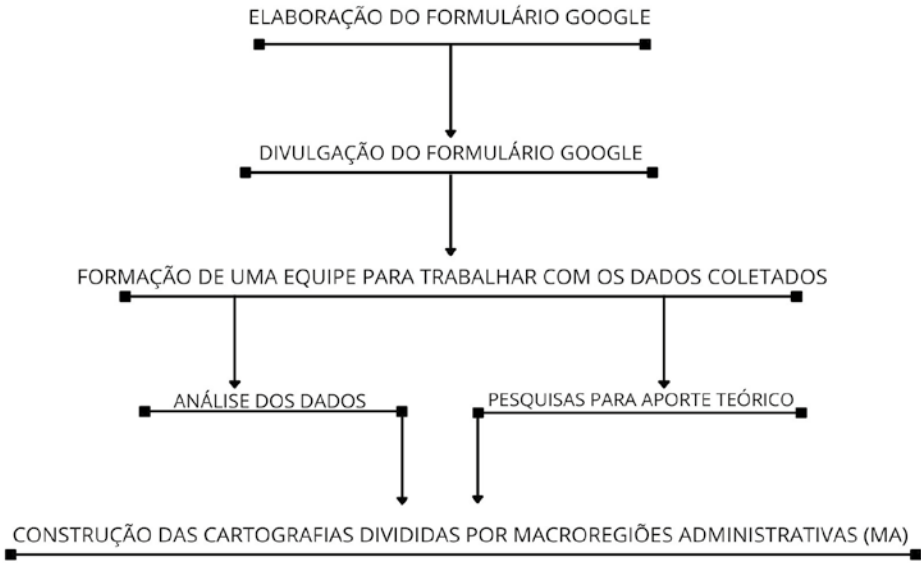
A elaboração de recursos cartográficos surge dentro das possibilidades de construção do conhecimento enquanto um importante instrumento de reflexão e divulgação de informações, dados, notícias, leituras e interpretações do Espaço (FRANCISCHETT, 2004). Estas construções cartográficas, comumente apresentadas enquanto mapas, podem ser veiculadas em formatos alternativos (igualmente oficiais aos mapas), mas enquanto ferramentas ditas não-convencionais, justamente por reunir outras informações e narrativas propostas por grupos e/ou indivíduos (SEEMANN, 2011).

A construção destes recursos não convencionais surge enquanto meio para a divulgação de uma cidade concebida pelas margens, observada a partir das diferentes formas de habitar e de conceber seus patrimônios, de maneira que subverte as fronteiras do que é um Bem patrimonial. Diante disso, o Croqui enquanto recurso cartográfico surge para a produção e apresentação dos dados aqui mencionados como a ferramenta acessível às demandas apresentadas pelo grupo e pelos Povos de Santo.

Para a construção das cartografias, foi usada a plataforma *Google Maps*, aliada às bases de dados do município disponíveis no site oficial de Pelotas (separações do mapa urbano em macro, meso e microrregiões administrativas).

Vale destacar que o projeto utiliza enquanto caminho metodológico a etnografia, considerada não só como um método, mas também, como teoria (PEIRANO, 2014). Uma forma de fazer própria das pesquisas antropológicas, que é pautada no diálogo, valorizando as narrativas que a própria comunidade destaca como importante, sendo assim, nas respostas do formulário foram valorizados como Sagrados os pontos que cada interlocutor/a evidencia como importante, pois, para cada Casa de Religião, diferentes pontos da cidade são utilizados e considerados relevantes em suas práticas. Estes locais são alterados conforme a localização do Terreiro, as possibilidades de deslocamento dos membros da Casa, horário de realização de cada ritual, particularidades físicas, espirituais e espaciais dos locais.

A construção destes trajetos Sagrados é iniciada a partir de entrevistas e do formulário disponibilizado às Comunidades de Terreiros via plataforma *Google*, o questionário elaborado continha onze perguntas que buscavam entender como estes trajetos eram feitos, quais bairros eram atravessados, se saiam de seus bairros para entrar em contato com outros espaços (ao exemplo de matas ou lugares com água, muito



presentes nas práticas religiosas), quais os locais do município que eram considerados Sagrados para cada Casa.

Na etapa seguinte, após trabalhar os dados, definiu-se a construção das cartografias, tendo como objetivo, de acordo com o mencionado, a construção de Croquis que explicitaram os espaços e trajetos Sagrados em Pelotas. A cidade foi dividida por Macrorregiões Administrativas (MA) de acordo com o Plano Diretor do Município (PELOTAS, 2008), contendo um recurso cartográfico para cada região, onde foram utilizadas cores diversas e ícones específicos para a confecção, com base nas indicações feitas pelas lideranças das Casas, de representações espaciais.

Distribuição das Macrorregiões Administrativas (MA) de Pelotas/RS e cores -Croquis	
MA	COR
Areal	Azul
Centro	Amarelo
Fragata	Roxo
Laranjal	Laranja
São Gonçalo	Verde
Três Vendas	Vermelho
Barragem	Cinza (ausência de dados)

Figura 1 - Fluxograma das etapas de elaboração para as cartografias. Fonte: Autoras, 2022.

Tabela 1 - Distribuição das Macrorregiões Administrativas de Pelotas. Fonte: Autoras, 2020.

Tabela 2 - Ícones do Google Maps (por nomenclatura) e significados de uso. Fonte: Autoras, 2020.

Ícones do Google Maps (por nomenclatura) e significados de uso – Croquis	
Ícone	Representação
Tsunami	Praia/Lagoa/Laranjal
Caveira	Cemitério
Cascata	Cascata/Cachoeira
Museu Japão	Igreja
Edifício Histórico	Mercado Central
Ponto de Encontro	Encruzilhada/Cruzeiro
Árvore Caduifolia	Mata/Floresta
Lugar de Adoração	Gruta de Iemanjá
Casa	Ilê/Terreiro/a

Os dados coletados dizem respeito às Casas de Religiões de **seis Macrorregiões Administrativas** de Pelotas/RS, sendo elas, Areal, Centro, Fragata, Laranjal, São Gonçalo e Três Vendas. Como até aquele momento não havia respostas de Lideranças Religiosas da Macrorregião Administrativa Barragem ao Formulário, ela não possui recurso cartográfico individual, aparecendo na cor cinza apenas no Croqui geral do município de Pelotas. Deste modo, ao todo foram elaboradas seis cartografias de MA e uma do município de Pelotas, totalizando sete Croquis.

Na Figura 2, constam os locais Sagrados mencionados pelas Casas de Religião de acordo com a origem da Macrorregião Administrativa onde está localizado o Terreiro.

Nesta etapa, como produtos do trabalho foram considerados os Croquis, a seguir apresentado na Figura 3. Na qual procura-se demonstrar o trajeto de quatro Ilês/Terreiras na Região do Areal.

Resultados e discussão

Pelotas é uma cidade que construiu a sua identidade em cima das narrativas da época do charque, uma história branca e elitizada, que exclui e invisibiliza comunidades negras, rejeitando as suas presenças na construção da cidade, desde a fazedura dos doces (hoje patrimônio nacional) até à construção dos casarões do centro histórico ou das narrativas nas charqueadas e museus. Lugares, espaços e saberes, que foram construídos e calcificados por mão-de-obra de populações escravizadas e, contam os pilares de uma Pelotas Negra.

É por meio destas reflexões e dos dados apresentados anteriormente que convocamos a noção de uma cidade Sagrada, permeada pelas Culturas de Religiões de Matrizes Africanas que habitam o espaço de Pelotas contando suas narrativas, mantendo o movimento da cidade, alimentando seus saberes tradicionais e garantindo às próprias Religiões estarem (e continuarem) vivas nas cidades Sul-rio-grandenses.

Areal	Centro	Fragata	Laranjal	São Gonçalo	Três Vendas	Barragem
(Matas Verdes, Encruzilhadas, Casas Sagradas, Igrejas, Templos, Cemitérios, Praia e Cachoeiras)	(Mercado Público)	(Mercado Público, Praia do Laranjal e outros)	(Praia do Laranjal, Mercado Central, Cemitério, Matas, Encruzilhadas)	(Todas as regências dos Orixás)	(Natureza)	
(Mercado Público, Praia, Mata e Natureza)	(Cemitérios, Mata do Balneário dos Prazeres etc.)	(Mata, Praia e Cruzeiro)	(Praia, Mercado Público e Matas)	(Mercado Público, Igreja e Praia)	(Balneário dos Prazeres – Gruta de Iemanjá)	
(Praia)		(Balneário dos Prazeres e Praia do Laranjal, Igrejas, todas as áreas verdes)		(Mercado Central, Igrejas Católicas, Praia, Lagoas, Cruzeiros, Matas, Cemitérios, Casas de Religiosos)		
(Matas, Praias, Cruzeiros abertos)		(Mercado Público e Praia do Laranjal)				



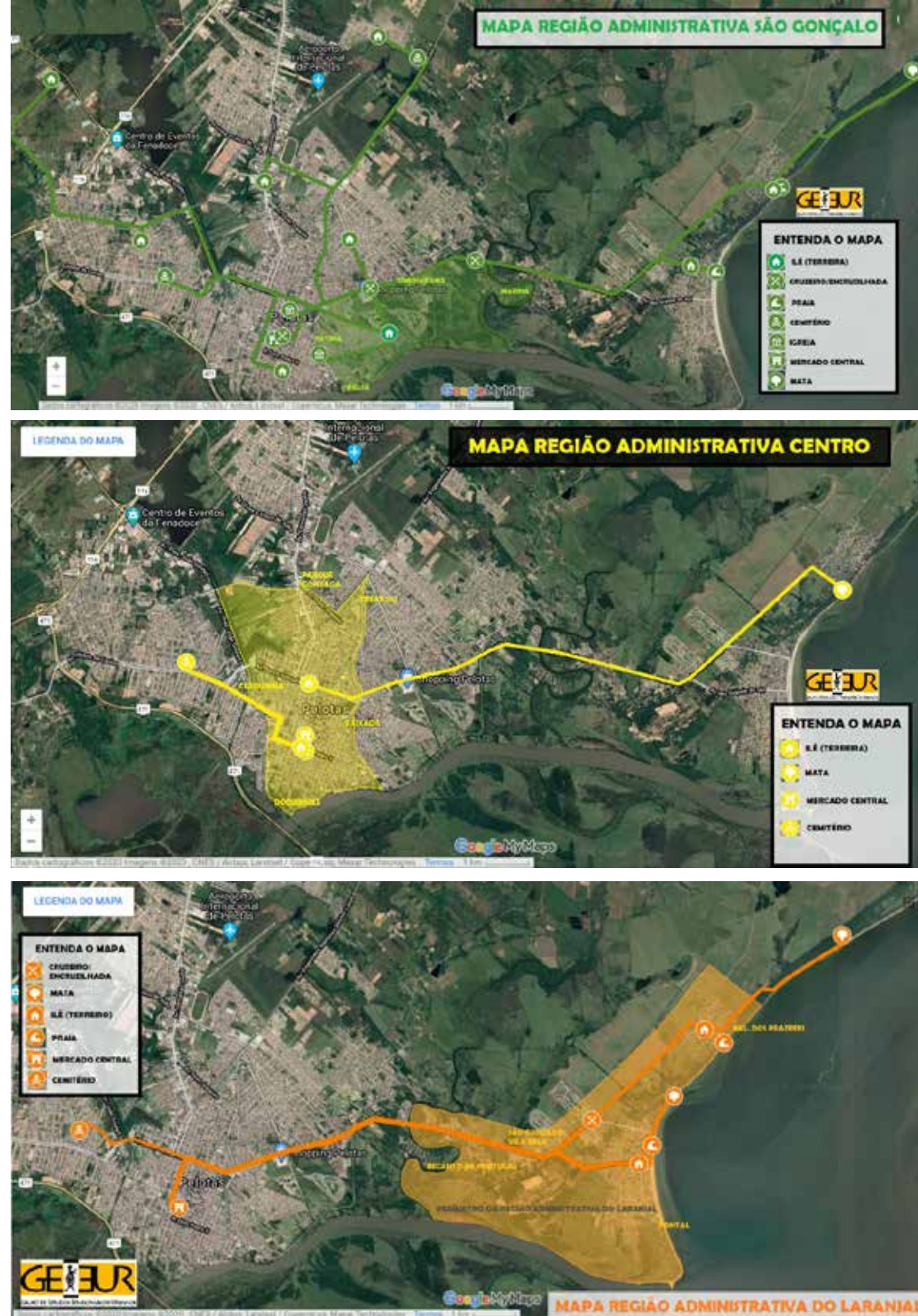
O movimento não acontece apenas pelo deslocamento de Religiosos pela cidade, mas pelo significado e as concepções que as próprias Religiões têm sobre a vida e seus fundamentos, o movimento energético e as compreensões sobre os lugares.

Os cruzeiros e encruzilhadas representam a passagem, as bifurcações do caminho que é a vida, as aberturas e fechamentos, as oportunidades, são relacionadas ao Orixá Bará, ao Exu, à Pombagira, ao Povo da Rua. Estes são grandes responsáveis pela limpeza e equilíbrio energético de cada prática, assim como os inícios e encerramentos dos rituais das Religiões. O Mercado Central também passa a ter novos significados, pois representa a troca, o comércio, a passagem, o movimento, que é religiosa e culturalmente relacionado ao Orixá Bará, cultuado nas práticas do Batuque. O Mercado deixa de ser uma edificação reconhecida por sua arquitetura, relevância histórica, por ser um atrativo turístico, passando a ser também o local onde o Bará está assentado.

Os cemitérios são entendidos como um local de ligação religiosa, representam as passagens, os desencarnes, assim como abrigam e materializam pedidos e oferendas em busca de saúde. Estes não são apenas um espaço de luto e tristeza, mas espaços de festa, de conexão espiritual acentuada, repletos de simbolismos e saberes ancestrais.

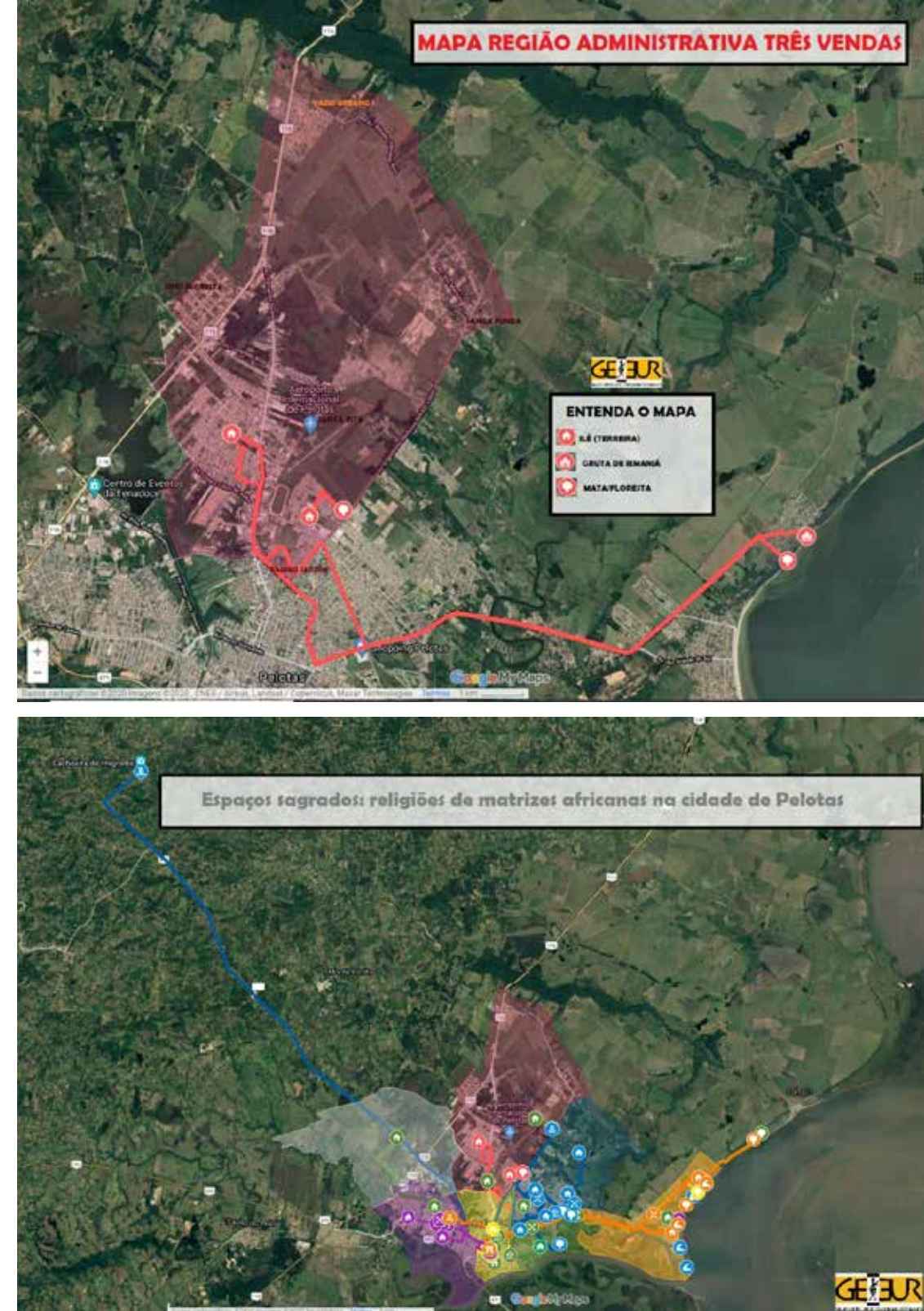
As praias tomam novos significados enquanto representações e espaços de Iemanjá, Orixá cultuada em muitas religiosidades do País. A gruta, o movimento das águas (o

Figura 3 - Região Administrativa Areal com o trajeto de quatro Ilês, intitulado de Espaços Sagrados: Religiões de Matrizes Africanas na cidade de Pelotas. Fonte: Projeto Terra de Santo, 2020.



aumento e recuo das marés), bem como as festividades que ocorrem/ocorriam nas praias, transformam o cotidiano destas e de seus banhistas. Os encontros históricos de imagens e sacralidades na Laguna dos Patos apenas exemplificam algo que vive no (in)consciente das Pessoas de Santo: do cotidiano da pesca às movimentações na beira da Laguna, lemanjá dá o seu Axé. E a praia, patrimônio institucionalizado, preservado, restrito, vira a Praia das Religiões. O Patrimônio Macumbeiro.

Nas figuras 4, 5, 6 e 7, em comparação com a figura 3, é possível observar as diferenças onde cada espaço com um mesmo significado, como encruzilhadas ou a praia, estão em diferentes pontos da cidade. Assim, na cidade inteira evidenciamos representações e simbologias do Povo de Santo aos lugares.



Conclusões

Os trajetos e espaços Sagrados de cada Terreiro/a por toda a cidade mostram o movimento constante, os fluxos pelas ruas, lojas, espaços públicos e privados, alterando e (re)construindo-se cotidianamente por cada pessoa, de cada Terreiro. Desta maneira, é possível afirmar que a preservação e visibilização destes modos de viver a cidade são essenciais para as narrativas e existências plurais em Pelotas, uma vez que, é por meio desses entrelaçamentos histórico-patrimoniais-antropológicos-geográficos que ocorrem as dinâmicas sociais e culturais dos espaços urbanos, ainda que estes tenham, ou não, expressões religiosas em sua essência.

Trajetos são (re)definidos pelo que representam para as Religiões, cada ponto nas cartografias construídas equivale a uma espacialidade que tem consigo múltiplos significados. Os percursos da cidade são desenhados pela imaterialidade do que significam os locais, bem como os trajetos que pessoas Religiosas fazem cotidianamente, que são definidos pelo que representam em suas histórias e cosmologias.

É possível compreender que os recursos cartográficos servem de importante base para a ampliação do conhecimento produzido social e academicamente, uma vez que, o diálogo entre o visível, a complexidade, a sentimentalidade e as identificações de pessoas, grupos e/ou comunidades religiosas, dizem respeito à inclusão e participação da sociedade no fazer-refazer-construir os espaços de (des)afetividades. Por meio do recurso do Croqui que se torna menos abstrata a Pelotas Macumbeira, Batuqueira, Umbandista, Quimbandista, Candomblecista, que antes fervilhava apenas na oralidade e na imaginação de grupos específicos (praticantes de Religiões de Matrizes Africanas).

Compreendemos que essas pessoas, estas culturas e estas práticas Religiosas são o cotidiano da urbanidade. Com apenas dados iniciais das Casas de Religiões foi possível produzir cartografias que abarcam o município todo, imaginemos o que será da Pelotas Religiosa quando as duas mil Casas de Religiões de Matrizes Africanas demonstrarem seus locais, espaços e monumentos Sagrados. Por isso, ver a cidade por uma perspectiva Sagrada é, justamente, ver que os patrimônios vazam do Centro Histórico ou das Charqueadas, que os doces têm um outro significado, é ver uma cidade inteira patrimônio que conta outras histórias e não apenas a narrativa branca, europeia, de barões e baronesas afundados em uma opulência do passado. As cartografias nos mostram uma cidade colorida em sua pluralidade.

Referências

AGIER, Michel. Do direito à cidade ao fazer-cidade. O antropólogo, a margem e o centro. *Mana*, [s. l.], v.21, n. 3, p. 483-498, dez. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-93132015v21n3p483>. Acesso em: 02 jun. 2022.

ALFONSO, Louise Prado; FERREIRA, Martha Rodrigues. Entre terreiros, periferias e trabalho sexual: os desafios da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão na formação de antropólogos/as. In: *REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA*, 32., 2020, Rio de Janeiro. *Anais [...]*. Rio de Janeiro: ABA, 2020. v. 1. Disponível em: http://evento.abant.org.br/rba/32RBA/files/990_2020-12-06_4223_23970.pdf. Acesso em: 10 dez. 2020.

ALFONSO, Louise Prado; RIETH, Flavia Maria Silva. Narrativas de Pelotas e Pelotas Antiga a cidade enquanto Bem Cultural. In: SCHIAVON, Camen Burget; PELEGRINI, Sandra de Cássia (org.). *Patrimônios Plurais*: iniciativas e desafios. Rio Grande: Ed. da FURG, 2016. p. 131-147.

BERGMANN, L. R. *Imagens e narrativas de Pelotas*: Uma análise do discurso turístico de uma cidade (re)imaginada. 2019. 103 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) – Curso de Bacharelado em Turismo, Universidade Federal de Pelotas.

COSTADE MELO, E. Circularidade cultural e agenciamentos territoriais: uma apreciação teórico conceitual : Cultural circularity and territorial agencies: a conceptual theoretical appreciation. *Caminhos da História*, [S. l.], v. 24, n. 2, p. 79–93, 2020. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/caminhosdahistoria/article/view/2617>. Acesso em: 27 ago. 2022.

DICIO, Dicionário Online de Português. Sagrado. 2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sagrado/> Acesso: 20 agosto 2022.

DOSSIÊ: Pedido de Reconhecimento da Comunidade Tradicional de Terreiro Caboclo Rompe Mato Ile Axé Xangô e Oxalá (CBTT). Pelotas: GEEUR, 2019.

FRANCISCHETT, Mafalda Nesi. A cartografia no ensino-aprendizagem da geografia. *BOCC. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*, 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/francischett-mafalda-representacoes-cartograficas.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2022.

LEMOS, Niedja de Almeida Brito. Cartografia Simbólica: Configuração Religiosa no Espaço Urbano de João Pessoa (PB). 2010.

RELATÓRIO FINAL DA EXPOSIÇÃO PATRIMÔNIOS INVISIBILIZADOS: Para Além Dos Casarões, Quindins e Charqueadas. Pelotas: UFPel, 2020.

ROSENDAHL, Zeny. Espaço e religião: uma abordagem Geográfica./Zeny Rosendahl – Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC, 2002.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, v. 20, n. 42, p. 377-391, dez. 2014. Disponível em: Acesso em: <https://doi.org/10.1590/s0104-71832014000200015>. Acesso em: 30 maio 2022.

PELOTAS. Lei nº 5.502, de 11 de setembro de 2008. Institui o Plano Diretor Municipal e estabelece as diretrizes e proposições de ordenamento e desenvolvimento territorial no Município de Pelotas, e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Pelotas, Pelotas, 11 set. 2008. Disponível em: https://www.pelotas.com.br/storage/gestao-da-cidade/lei_5502.pdf. Acessado em 30 de set. de 2021.

SANTOS, Marceli Teixeira dos. Quando os Tambores Tocam Geografia e Religião: estudo de caso da (in)visibilização da Umbanda em Pelotas, RS/ Marceli Teixeira dos Santos; Sidney Gonçalves Vieira, orientador. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas. Pelotas, 2022.

SEEMANN, Jörn. A cartografia do cotidiano, mapas não convencionais e um atlas de narrativas. *Geograficidade*, [s. l.], v. 1, n. 1, p. 102-104, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/geograficidade2011.11.a12812>. Acesso em: 02 jun. 2022.